Entre a Cruz e a Palavra: Práticas Discursivas e Espaciais de Testemunhas de Jeová e Católicos na Disputa pelo Universalismo

Osorio Vieira Borges Junior*

Resumo

O artigo analisa as disputas discursivas e espaciais entre as Testemunhas de Jeová e a Igreja Católica no Brasil, com ênfase na década de 1930. Inserida no campo da História Cultural das Religiões, a pesquisa utiliza contribuições teóricas de Michel de Certeau, Roger Chartier e Carlo Ginzburg. O estudo examina publicações religiosas e práticas de apropriação do espaço desenvolvidas durante o governo de Getúlio Vargas. Argumenta-se que a Igreja Católica atuou a partir de uma posição institucionalmente privilegiada, associando seus símbolos à identidade nacional. A coroação de Nossa Senhora Aparecida e a inauguração do Cristo Redentor exemplificam suas estratégias de consolidação territorial e simbólica. Em contraste, as Testemunhas de Jeová recorreram a táticas de resistência, proselitismo e circulação de publicações para ampliar sua presença no país. A rejeição ao ecumenismo e à identidade protestante contribuiu para a construção de uma imagem de originalidade e exclusividade religiosa. Ao vincular sua origem a Abel, o grupo fundamentou discursivamente a pretensão de representar uma fé primordial, verdadeira e universal. Conclui-se que ambas as religiões buscavam a universalização, embora por meios condicionados por suas diferentes posições de poder. Assim, o conflito ultrapassou o campo doutrinário e envolveu a disputa pela legitimidade, pelo espaço e pela produção de sentidos sobre a sociedade brasileira.

Palavras-chave: História Cultural das Religiões; Testemunhas de Jeová; Igreja Católica; universalismo; espaço religioso.

Introdução

* Doutorando em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pelo Instituto de História (Inhis) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: juniorvieira.osorio@gmail.com.

As Testemunhas de Jeová são um grupo religioso cristão de origem estadunidense, surgido no final do século XIX e marcado por uma interpretação literalista da Bíblia, uma escatologia centrada no fim iminente do mundo e uma forte rejeição a instituições consideradas parte do "sistema de coisas" deste mundo, como governos, igrejas tradicionais e símbolos nacionais. No Brasil, esse grupo rapidamente despertou reações intensas por conta de suas práticas dissidentes, como a recusa ao serviço militar, à saudação à bandeira e a celebrações religiosas e civis, como o Natal e aniversários. Tais recusas os colocaram em tensão com as expectativas nacionais do Estado Novo e com a hegemonia simbólica da Igreja Católica.

Este trabalho investiga as práticas discursivas e espaciais mobilizadas pelas Testemunhas de Jeová e pela Igreja Católica no Brasil do início do século XX, com especial atenção para os conflitos em torno da produção de uma verdade religiosa tida como universal. A análise se concentra no contexto da década de 1930, quando o regime de Getúlio Vargas procurava articular uma unidade nacional pautada por valores católicos e por um autoritarismo político em ascensão. A tensão entre esses dois grupos religiosos, especialmente diante das restrições impostas pelo Estado, torna-se um terreno fértil para compreender disputas por legitimidade, território simbólico e produção de sentido.

A pesquisa insere-se no campo da História Cultural das Religiões, tomando como base os aportes teóricos de Michel de Certeau, Roger Chartier e Carlo Ginzburg, que deslocam o foco da análise institucional para as práticas cotidianas, os usos do espaço e as formas de apropriação do discurso. As fontes analisadas incluem publicações internas das Testemunhas de Jeová.

A busca pelo universalismo

O Brasil enquanto espaço foi apropriado por vários grupos religiosos, mesmo os não cristãos, a partir de suas práticas culturais. Para o entendimento dos desafios e do conflito estabelecido entre as Testemunhas de Jeová e a Igreja Católica. no âmbito espacial, é necessária uma discussão acerca da relação entre o espaço e o catolicismo no Brasil e o espaço e o protestantismo no Brasil. Quanto a isso, um problema se impõe: concomitante aos seus esforços em se posicionarem contrárias às ideias católicas, as Testemunhas de Jeová, no dissenso do que pensa o senso comum, não se autodefinem como protestantes, ou seja, criam um espaço único para suas práticas culturais e religiosas, distante das formas de cristianismo conhecidas no início do século XX. É

preciso, portanto, entender os motivos e origens desse desejo de universalização pelo grupo religioso antes de analisar suas táticas de apropriação do espaço em contraposição à Igreja Católica no Brasil.

Várias igrejas protestantes uniram esforços em nível internacional no final do século XIX e início do século XX, buscando expandir sua presença e consolidar espaço em nações ainda não cristianizadas, com uma influência protestante limitada. Exemplificando esse movimento, destacam-se eventos como a Conferência Missionária, que reuniu líderes internacionais em 1888 em Londres, outra realizada em 1900 na cidade de Nova York e a *The World Missionary Conference* em 1910, sediada em Edimburgo, na Escócia. O objetivo central desses encontros era promover a missão evangelizadora e solidificar o papel das igrejas protestantes em regiões onde sua presença era incipiente[1]. Nenhum membro da liderança das Testemunhas de Jeová esteve envolvido em eventos ecumênicos, incluindo os mencionados ou qualquer outro de natureza semelhante. Embora as seguintes passagens nas edições da Watchtower de 1968 e 1969 estejam se referindo ao Concílio Vaticano II, expressaram críticas em relação a esse tipo de evento elucidativas nesse sentido:

> Por certo ninguém negará que vivemos numa era de transigência, quando a catolicidade ou ecumenismo está em voga, quando a comunhão de fiéis procura criar uma grande religião conglomerada, quando ser franco e direto a respeito da transigência estão sendo disseminados por todo o mundo pelos ventos da falsa doutrina e estão encontrando acolhida nas mentes inquietas e irresolutas.[2]
> [...]
> Estamos na era do ecumenismo, quando se dá ênfase, não naquilo que se crê, mas em até que ponto se está pronto para renunciar a princípios bíblicos para conseguir uma união enganosa entre os religiosos de conceitos divergentes. Para os que abandonam a Bíblia, o Deus da Bíblia, sob o seu próprio nome escolhido, Jeová é severo demais, é disciplinador demais, é intolerante demais para com as mentiras, a hipocrisia e a delinquência moral - um Deus que exige devoção exclusiva dos seus adoradores.[3]

---

[1] A The World Missionary Conference representou um marco no que se refere a ações ecumênicas missionárias na primeira metade do século XX. É importante lembrar que nenhum documento ou discussão relacionado a dogmas de quaisquer denominações religiosas foram levantados e/ou elaborados, uma vez que o objetivo da conferência era a discussão de ações em conjunto no que diz respeito à expansão do cristianismo reformado para as várias partes do mundo. Para mais informações sobre a conferência, ver: STANLEY, Braian. ***The World Missionary Conference***. Edinburgh 1910. Cambridge (Reino Unido): William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

[2] Claudicando entre duas opiniões. **A Sentinela**: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 15 de fevereiro de 1968, p. 105-108.

[3] O nome de Deus e a Cristandade. **A Sentinela**: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 15 de abril de 1969, p. 246-249.

A posição firmemente contrária das Testemunhas de Jeová em relação aos encontros ecumênicos é uma das razões que as colocam à margem da comunidade protestante, apesar de suas raízes serem de uma denominação reformada; ao mesmo tempo, esse afastamento, contribui para sua sensação de desvinculação em relação à comunidade evangélica. É possível concluir que o espaço desejado pelas Testemunhas de Jeová tem poucas similitudes com relação ao que outros grupos protestantes desejam.

Até os anos 1920, os presbiterianos eram a maioria entre os evangélicos brasileiros, com uma presença significativa em várias regiões do país. Os metodistas, por sua vez, destacavam-se pela ênfase na educação e pela fundação de instituições educacionais. Os pentecostais, em particular, começaram a ganhar destaque. A partir do início dessa década, eles conseguiram atrair um número crescente de adeptos, especialmente nas áreas urbanas, inclusive membros de outras denominações protestantes, como os batistas. Na próxima década, nos anos 1930, os batistas começaram a ganhar destaque e relevância no cenário religioso nacional, conseguiram expandir suas igrejas e congregações em várias regiões do Brasil, atraindo novos fiéis e consolidando-se como uma denominação de influência crescente. Por fim, próximo à década de 1950, a Assembleia de Deus emergiu como a denominação protestante mais relevante e influente no país. Sua rápida expansão e o aumento do número de fiéis contribuíram para sua posição de destaque no cenário religioso brasileiro[4]. É claro que existe um conflito pelo espaço mesmo entre as religiões protestantes e reformadas, não queremos reduzir todas as religiões reformadas como tendo características únicas, mas suas práticas culturais e principalmente seu discurso e narrativa, resguardadas suas especificidades não contrariam sua definição enquanto protestantes, ao contrário do que acontece entre as Testemunhas de Jeová que preferem se colocar à parte.

Nesse período, a presença das Testemunhas de Jeová era limitada em número, mas já chegava aos cantos do país. O Anuário das Testemunhas de Jeová, de 1974, relata que em 1931 já havia uma congregação no Amazonas com cerca de 70 pessoas, fruto do envio de publicações para uma igreja batista do estado, por alguém de que não se tem relato. Dois homens interessados no conteúdo das revistas entraram em contato com a filial administrativa em São Paulo e continuaram recebendo as publicações por algum tempo. Por ocasião da forte imigração de europeus para o sul do Brasil, na década de 1930, algumas Testemunhas de Jeová se estabeleceram em Santa Catarina e começaram

[4] SILVA, Paulo Julião da. Os missionários batistas norte-americanos no Brasil e os relatos de dificuldades na expansão evangélica entre os anos de 1930 e 1945. **Dimensões**, n. 50, 2023, p. 231.

a divulgar suas crenças no sul a partir da distribuição de publicações. Na mesma década, a crença do grupo religioso chegou a Bahia por meio do professor George Shakhashiri, que chegava ao Brasil numa viagem turística e trouxe consigo publicações em árabe para distribuí-las aqui[5].

Lembremos que é costume de toda Testemunha de Jeová batizada a divulgação regular de suas crenças. A Luz dos conceitos de Certeau, essa prática se estabelece como um "ato e maneira de aproveitar a 'ocasião'", o autor explica que o fraco - sujeito em posição desfavorável - deve transformar os acontecimentos em ocasiões para a sua própria sobrevivência social e política, ou a de um grupo a qual pertence[6]. É possível perceber uma origem orgânica da religião em vários estados do país, nesse sentido, a apropriação do espaço pelas Testemunhas de Jeová não seguia uma ordem hegemônica e centralizada, ao contrário do que faz parecer a narrativa das fontes desse estudo produzidas pelo grupo religioso. Entendemos que "existem tantos espaços quanto experiências espaciais distintas. A perspectiva é determinada por uma fenomenologia do existir no mundo"[7], ou seja, os diferentes lugares em que a crença das Testemunhas de Jeová foi disseminada no Brasil, durante os anos do seu estabelecimento, produziu diferentes relações entre pessoas e o espaço no qual se deram as experiências religiosas.

É possível imaginar a natureza como um elemento de aproximação desses fiéis a uma cultura religiosa típica da região amazônica; e no sul, a religião pode ter assumido um carácter etnico por algum tempo já que se estabeleceu a partir de imigrantes europeus. Esses exemplos são especulações para elucidar como as práticas culturais nos diferentes lugares em que se estabeleceram membros do grupo religioso se estabeleceram foram importantes para a sua origem no Brasil já que as fontes desse estudo não nos permitem afirmar com detalhes os desdobramentos da chegada das Testemunhas de Jeová em cada estado e/ou região do Brasil.

A disseminação orgânica das crenças das Testemunhas de Jeová no país poderia ter sido um sucesso, mas a falta de administração e condução desses novos fiéis, longe dos centros urbanos do país, São Paulo e Rio de Janeiro, causou a impossibilidade de desenvolvimento de quaisquer práticas religiosas duradouras. O desenvolvimento lento das Testemunhas de Jeová pode ter tido ainda outro fator. Diferentemente de outros grupos protestantes, como os batistas que sofreram com a crise de 1929, já que seu

---

[5] **Anuário das Testemunhas de Jeová**, Cesário Lange, SP. 1974. p. 43-45.
[6] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 46-47.
[7] IDEM, p. 202.

financiamento vinha de empresários bem sucedidos norte americanos, as Testemunhas de Jeová financiavam suas obras inicialmente pela fortuna de seu fundador, Charles Taze Russell e posteriormente pela venda de publicações e doações de membros e ou instituições interessadas[8]; já que a organização religiosa nunca quis fazer anúncios publicitários na *Watch Tower*[9], sua fonte de renda era bem limitada e os recursos eram escassos, diante disso, a decisão estratégica foi usar os recursos financeiros como investimento para o desenvolvimento nos grandes centros do país.

Para além do lugar onde as Testemunhas de Jeová queriam se estabelecer e desenvolver no Brasil, é preciso entender seu espaço de influência e atuação. Como já dito, os dirigentes da religião não se posicionam como protestantes, mesmo que seja sabido que sua origem vem de uma denominação reformada: seu fundador, Charles Taze Russell, embora nunca tenha integrado a cúpula adventista, foi influenciado por essa doutrina. Nesse sentido, a linguagem parece de primeira importância: é imprescindível entender como esses enxergam o protestantismo e o que os faz desejar uma universalização.

É sabido que alguns grupos evangélicos não se consideram protestantes por afirmarem que descendem de João Batista, discípulo e batizador de Cristo[10], mas ainda assim, mesmo que não se identifiquem como protestantes, essa questão não se faz presente de maneira enfática na sua doutrina e suas práticas culturais que possibilitam um relacionamento natural com os protestantes no imaginário comum. As Testemunhas de Jeová, ao contrário, não creditam a sua origem a João Batista e nem a Cristo. Na verdade, o entendimento doutrinário do grupo religioso é que sua origem tenha se dado "pouco depois da rebelião contra a soberania de Deus no Éden"[11], a obra *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus* elucida a questão:

> Paulo identifica Abel como a primeira testemunha de Jeová, dizendo: "Pela fé ofereceu a Deus um sacrifício de maior valor do que Caim, sendo

[8] **Testemunhas de Jeová:** Proclamadores do Reino de Deus. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 77-78.

[9] A *Watchtower* (A Sentinela) já tinha uma tiragem relevante para anunciantes no início do século XX, a organização religiosa não aceitou nenhuma oferta publicitária pois, segundo seus dogmas, estariam se misturando ao mundo contrariando uma ordem direta de Jesus Cristo. Em 2023, A Sentinela é a revista que tem a maior tiragem mensal do mundo, seguida pela Despertai!, também pertencente ao mesmo grupo religioso. As Testemunhas de Jeová seguem no entendimento de que não devem fazer anúncios publicitários em suas publicações.

[10] MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. (Orgs.). **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

[11] **Testemunhas de Jeová:** Proclamadores do Reino de Deus. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 13.

> por esta fé que se lhe deu testemunho de que era justo, dando Deus testemunho com respeito a suas dádivas; e por intermédio dela, embora morto, ainda fala." De que modo serviu Abel como testemunha a favor de Jeová? A resposta gira em torno da razão pela qual o sacrifício de Abel era de "maior valor" do que o de Caim.[12]

A obra continua: "Abel foi a primeira testemunha de Jeová". Não queremos fazer uma análise hermenêutica acerca da interpretação de textos sagrados pelo grupo religioso em questão, mas a linguagem e simbologia contida nessa afirmação é de primeira importância para o entendimento de uma universalização desejada pelas Testemunhas de Jeová e do espaço que almejavam ocupar, afinal "a linguagem não mais exprime as coisas, não mais dá presenças e não mais é transparência do mundo, mas sim um lugar organizado que permite atividades"[13]. Sendo assim, a linguagem utilizada pelas Testemunhas de Jeová em sua obra ao afirmar que sua origem estava relacionada à origem da raça humana[14], faz-nos entender que seus fiéis acreditam pertencer, não a mais uma religião dentre tantas, mas à primeira religião: essa característica daria ao grupo a qualidade de originalidade, pioneirismo e universalidade. Portanto, a religião não poderia ser protestante, pois nunca foi reformada, ela sempre existiu, no imaginário de seus membros.

Certeau nos elucida ao dizer que a "linguagem é um lugar organizado que permite atividades"[15], nesse sentido, é possível chegar a compreensão de que tais práticas como: a recusa de participação em eventos ecumênicos; aversão à quaisquer outras religiões e principalmente; a recusa de se autodeclarar uma igreja protestante e a própria negação de si como igreja - já que esse termo nunca é usado pelas Testemunhas de Jeová para se referirem a seu grupo religioso - integram um conjunto de práticas guiadas pela linguagem que marginaliza a religião a partir da sua doutrina: é este o espaço que as Testemunhas de Jeová queriam e querem ocupar; o que pertence à primeira igreja, a pioneira e verdadeira. Posto isso, seria incompatível com sua doutrina qualquer relacionamento e/ou identificação com quaisquer outras religiões. Nesse sentido, apesar das diferenças doutrinárias e práticas, as Testemunhas de Jeová e a Igreja Católica compartilham um desejo comum de universalização por meio de suas narrativas. Ambas

---

[12] IDEM, Ibidem.
[13] CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 88.
[14] Não estamos discutindo teorias sobre a origem do universo e da raça humana, mas é necessário considerar a cosmologia cristã para chegar ao entendimento das questões apresentadas. Segundo essa cosmologia, a maior concordância de ideias que se apresenta é que a origem da raça humana teria se dado a partir da criação de Adão e Eva por Deus. Abel seria um dos sete filhos do casal e o primeiro humano fiel a Deus.
[15] CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 88.

buscam disseminar suas crenças e valores em escala global, almejando alcançar e influenciar pessoas de diversas culturas e nações. Esse impulso pela universalização reflete o compromisso de ambas as instituições em promover suas visões de mundo e estabelecer sua presença em diferentes contextos sociais e geográficos.

O espaço está em constante conflito e as religiões usam-no e se apropriam desse fenômeno a partir de símbolos, da linguagem e de suas práticas culturais. O Brasil enquanto espaço teve várias apropriações a partir dos métodos usados pelas religiões durante o período da formação da identidade nacional, principalmente nos anos que antecedem e postergam a Revolução de 1930; destaca-se a Igreja Católica que se utilizou de estratégias para a manutenção de sua hegemonia cultural. É importante lembrar que, para Certeau, estratégia é

> o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um "ambiente". Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico.[16]

Certeau descreve a ideia de que a análise das relações de poder e influência se torna viável quando se consegue isolar um sujeito que possui vontade e capacidade de agir do seu ambiente circundante. Isso implica a capacidade de identificar um espaço ou posição que possa ser delimitado como sendo "próprio" desse sujeito, permitindo-lhe gerenciar suas relações com uma realidade externa que é distinta e separada. Esse conceito tem implicações significativas na construção das identidades nacionais. Por exemplo: a nacionalidade política envolve a ideia de um Estado soberano que pode tomar decisões autônomas sobre sua governança e política externa; a nacionalidade econômica refere-se à capacidade de um país gerir sua economia e seus recursos de acordo com seus interesses; a nacionalidade científica implica a capacidade de um país conduzir pesquisas, desenvolver tecnologias e participar da comunidade científica global de forma independente e o mais importante nesse estudo; a nacionalidade religiosa envolve a capacidade de uma determinada religião se aglutinar à identidade nacional e pertencer, no imaginário coletivo, de maneira indissociável a ela.

[16] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 46.

Já que a Igreja Católica - apesar de esforços por uma sociedade secular sob o signo liberal do laicismo[17] – ocupava o espaço de religião influente e formadora de opinião e tradição popular. Categorizamos suas práticas como estratégias, pois tinha como principal inimigo, a laicidade incipiente de um país que fundou sua base política e cultural através do catolicismo enquanto outros grupos religiosos como protestantes e Testemunhas de Jeová representavam uma ameaça menor: suas ações serão categorizadas como táticas já que Certeau as definiu como "a arte do fraco", uma vez que "a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como 'último recurso'"[18]. As táticas, como definidas por Michel de Certeau, muitas vezes são adotadas por aqueles que têm menos poder e recursos para lutar contra uma estrutura dominante. Para esses grupos religiosos, a astúcia e a adaptação eram estratégias viáveis para sobreviver e crescer em um ambiente no qual a Igreja Católica ainda detinha grande influência.

Essa dinâmica entre estratégias da Igreja Católica e táticas de grupos religiosos minoritários reflete o contexto complexo de mudança religiosa e cultural em uma sociedade em transição e demonstra como diferentes atores religiosos adotam abordagens variadas para lidar com desafios e oportunidades específicas em um ambiente em evolução; para além de suas posições, o desafio das religiões parece definir suas ações.

Se destacam como estratégias de apropriação do espaço da Igreja Católica no governo Vargas: a escolha e solenidade de coroação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil e a inauguração do Cristo Redentor no Rio de Janeiro no início da década de 1930[19].

A elevação de Nossa Senhora Aparecida à posição de padroeira oficial do Brasil pode ser compreendida como uma estratégia de apropriação do espaço por parte da Igreja Católica, pois não apenas consolidou sua influência religiosa, mas também estendeu sua presença no campo político e social de maneira astuta. De acordo com Mendonça, a escolha de uma santa mestiça não foi aleatória: era uma representante legítima da identidade brasileira[20]. Nesse sentido, "os signos sociais dessa santa [...] exerciam enorme apelo popular, seu caráter nacional de padroeira do Brasil ficava ainda mais acentuado

---

[17] LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja Católica no Brasil República:** cem anos de compromisso: 1889-1989. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 10.
[18] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 101.
[19] MOURA, C. **Fé, Saber e Poder:** os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 - 1937). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, p. 110.
[20] MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de et al. Luz, escuridão e penumbra: o Governo Vargas e a Igreja Católica. **Dimensões**, n. 27, 2011. p. 276-291, p. 280.

pela ‘condição social’ da imagem, popular em sua expressão, mas não identificada com traços de uma classe social especial”[21]. Essa estratégia permitiu à Igreja Católica afirmar sua autoridade sobre o território brasileiro, estabelecendo uma conexão profunda entre a fé católica e a identidade nacional. A devoção à Nossa Senhora Aparecida não apenas fortaleceu os laços entre a Igreja e a sociedade, mas também serviu como um elemento unificador em um país heterogêneo.

A inauguração do Cristo Redentor também pode ser compreendida como estratégia de apropriação do espaço pela Igreja Católica. Carlos André Silva de Moura nos elucida:

> O símbolo maior do cristianismo no alto do Corcovado demonstrava a dimensão das ações da Igreja para a expansão de suas ideias. O Cristo Redentor, vigilante na capital federal, destacava o poder que a Igreja ainda exercia nas estruturas da sociedade. Das ruas do Rio de Janeiro, em vários pontos da cidade era possível observar a representatividade do poder que o catolicismo ainda exercia na política nacional.[22]

Em ambas ocasiões, o cardeal Dom Leme discursou ao lado de Vargas e de seus ministros de estado. O sucesso dessas estratégias pode ser observado na formulação da Constituição de 1934, na qual reivindicações do clero foram amplamente atendidas: “o reconhecimento do documento em nome de Deus, a indissolubilidade do casamento, a assistência religiosa às escolas públicas e a efetivação das ações sociais”[23].

Essas estratégias usaram o poder do símbolo como meio, para Geertz é imprescindível a compreensão dos símbolos nos sistemas religiosos: para o autor a própria definição de religião está relacionada a isso[24]. Nesse sentido, a padroeira Nossa Senhora Aparecida e a estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro se configuram como símbolos que induzem “o crente a um certo conjunto distinto de disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidade, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter crônico ao fluxo de sua atividade e à qualidade da sua experiência”[25].

---

[21] LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**, 2ª ed. São Paulo: Papirus, 1986, p. 173.
[22] MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa et al. Op cit. p. 280.
[23] FERNANDES, Allan Felipe Santana. A Igreja Católica e o Movimento de Recatolização no Início do século XX. **Faces de Clio**, v. 5, n. 10, p. 70-86, 2019.
[24] Para Geertz, a religião é “(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas”. GEERTZ, Clifford. A Religião como sistema cultural. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019, p.67.
[25] IDEM, p. 70.

As Testemunhas de Jeová, assim como outros grupos religiosos cristãos não católicos no Brasil, sentiram o poder da aliança implícita que a Igreja fazia com o Estado a partir da ênfase nos símbolos católicos[26]. Para as Testemunhas de Jeová, isso pode ter sido uma realidade dura, pois a religião carece de símbolos tão enfáticos quanto estes que os católicos dispunham.

As táticas de sobrevivência, resistência e proselitismo das Testemunhas de Jeová, eram diferentes dos métodos usados pela Igreja Católica no Brasil e mesmo, dos grupos protestantes já que não dispunham de um arsenal simbólico histórico cultural e não possuíam financiamento, uma vez que se recusavam a recebê-lo por entender que devem se apartar das práticas comuns em outras religiões para afirmar sua excentricidade, afinal, "uma autonomia cultural, social ou étnica sempre se manifesta dizendo não"[27]. Certeau entende que a negação de pertencimento a grupos contrários embora similares é uma posição de partida fundamental para um grupo/movimento minoritário.

Considerações Finais

O presente estudo procurou evidenciar como a disputa religiosa entre as Testemunhas de Jeová e a Igreja Católica no Brasil não se dá apenas no campo doutrinário ou institucional, mas se expressa principalmente por meio de práticas discursivas e espaciais.

As Testemunhas de Jeová, por meio de uma recusa estratégica à filiação protestante e à participação em movimentos ecumênicos, constroem uma identidade marcada pela distinção e originalidade. Seu discurso de origem remonta a Abel e à criação humana, posicionando-se, não como mais uma religião no espectro cristão, mas como a primeira e verdadeira fé, anterior à própria instituição eclesiástica. Essa operação discursiva constitui um dispositivo de universalização: a religião não apenas quer alcançar todos, mas reivindica uma verdade atemporal e totalizante.

Essa busca pela universalidade se materializa em práticas táticas de apropriação do espaço, por meio da disseminação orgânica, da circulação de publicações, do corpo

[26] Para uma compreensão mais detalhada da intensificação da relação entre o Estado de Vargas a partir da Revolução de 1930 e a Igreja Católica, ver: BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização, In: FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira**, v. 3, p. 271-341, 1984.

[27] CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 145.

dos fiéis como veículo de propaganda religiosa, e de um imaginário coletivo que conecta sua atuação a uma missão global e pioneira. Ao negar o pertencimento a qualquer tradição eclesial ou denominação protestante, as Testemunhas de Jeová constroem um lugar à parte, singular, porém com pretensões universais.

Por outro lado, a Igreja Católica, historicamente inserida nos processos de formação da identidade nacional brasileira, empregou estratégias de consolidação territorial e simbólica. A elevação de Nossa Senhora Aparecida a padroeira do Brasil e a construção do Cristo Redentor no alto do Corcovado exemplificam como o catolicismo atuou de forma articulada com o Estado e com a produção de um imaginário religioso nacional. Essas ações, ao constituírem signos de pertencimento coletivo, evidenciam um modelo estratégico de apropriação do espaço e da cultura, que busca reafirmar a centralidade da fé católica como fundadora e integradora da brasilidade.

Tanto a Igreja Católica quanto as Testemunhas de Jeová, embora com métodos e discursos distintos, compartilham um desejo de universalização. No entanto, enquanto a Igreja atua a partir de um lugar de poder institucional e simbólico, mobilizando estratégias de enraizamento nacional, as Testemunhas de Jeová operam com táticas de deslocamento, ruptura e diferenciação.

Referências

Anuário das Testemunhas de Jeová, Cesário Lange, SP. 1974.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

Claudicando entre duas opiniões. **A Sentinela**: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 15 de fevereiro de 1968.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de et al. Luz, escuridão e penumbra: o Governo Vargas e a Igreja Católica. **Dimensões**, n. 27, 2011.

SILVA, Paulo Julião da. Os missionários batistas norte-americanos no Brasil e os relatos de dificuldades na expansão evangélica entre os anos de 1930 e 1945. **Dimensões**, n. 50, 2023.

FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira**, v. 3, p. 271-341, 1984.

FERNANDES, Allan Felipe Santana. A Igreja Católica e o Movimento de Recatolização no Início do século XX. **Faces de Clio**, v. 5, n. 10, p. 70-86, 2019.

GEERTZ, Clifford. A Religião como sistema cultural. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**, 2ª ed. São Paulo: Papirus, 1986.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja Católica no Brasil República:** cem anos de compromisso: 1889-1989. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. (Orgs.). **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MOURA, C. **Fé, Saber e Poder:** os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 - 1937). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife.

O nome de Deus e a Cristandade. **A Sentinela**: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 15 de abril de 1969.

STANLEY, Braian. ***The World Missionary Conference,*** Edinburgh 1910. Cambridge (Reino Unido): William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.